

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Júlia Simão

Eduarda Domingos Barreira

**O ENSINO HÍBRIDO COMO UMA POSSIBILIDADE: A
REINVENÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR**

Taubaté – SP

2021

Ana Júlia Simão
Eduarda Domingos Barreira

**O ENSINO HÍBRIDO COMO UMA POSSIBILIDADE: A
REINVENÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR**

Trabalho de Graduação apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende

Taubaté – SP
2021

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBI
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – GETI
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

S588e Simão, Ana Júlia

Ensino Híbrido como uma possibilidade: a reinvenção do cotidiano escolar / Ana Júlia Simão, Eduarda Domingos Barreira. – 2021.

48 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Pedagogia, 2021.

Orientação: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende, Departamento de Pedagogia.

1. Ensino híbrido. 2. Cotidiano. 3. Pandemia. 4. Tecnologia.
5. Educação. I. Barreira, Eduarda Domingos II. Universidade de Taubaté. Departamento de Pedagogia. Curso de Pedagogia.
III. Título.

CDD – 370

Ana Júlia Simão
Eduarda Domingos Barreira

**O ENSINO HÍBRIDO COMO UMA POSSIBILIDADE: A
REINVENÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR**

Trabalho de Graduação apresentado
como requisito para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia pela
Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo
Reis Rezende

Data: 15/12/2021

Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Profa. Dr. César Augusto Eugênio

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado forças diante todos os obstáculos encontrado ao longo do curso e por ter me guiado em todos os momentos.

Aos meus pais, Claudia Aparecida Alves Domingos e Guido Barreira Filho, que sempre acreditaram no meu potencial e se esforçaram para que eu concluísse o curso.

À minha irmã Aline Domingos Barreira, por todo incentivo, apoio, ajuda e por ser um exemplo de professora, a qual me inspiro a cada dia.

À minha irmã Vitória Domingos Barreira, que sempre torceu por mim e esteve ao meu lado nos dias mais difíceis.

Agradeço especialmente a Ana Júlia, por toda dedicação em nosso trabalho, pelo apoio, confiança e paciência que sempre teve comigo, contribuindo para que pudéssemos concluir esse trabalho de forma confiante e grata. Agradeço também ao nosso orientador e professor Carlos Eduardo, pelo suporte e por todos os ensinamentos que nos fez chegar até aqui.

Eduarda Domingos Barreira

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do caminho.

Ao meu pai, Marcos, que nunca mediu esforços para me ajudar, sempre me apoiando ao longo de toda a minha vida.

À minha mãe Lucimara (in memoriam), por me ensinar o caminho de Deus, também por ser exemplo de mãe e mulher. Guardo em meu coração todo o seu amor e seus ensinamentos.

Ao meu esposo Mário, por se tornar uma referência de professor para mim, através de sua excelência e amor pela profissão, sempre me apoiando e incentivando nessa trajetória.

Aos meus irmãos João Marcos e Guilherme, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos de minha vida.

Aos meus sogros, Cláudia e Jefferson, por abriram as portas de sua casa nesse período acadêmico, sempre me ajudando e incentivando.

Ao meu orientador, Carlos Eduardo, que conduziu este trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu conhecimento. Agradeço também aos demais professores e colegas de turma, por compartilharem comigo tantas descobertas e ensinamentos ao longo deste percurso.

Em especial, à minha parceira de trabalho e amiga, Eduarda, por todo o companheirismo e seriedade depositados neste trabalho, definitivamente seu apoio e parceria tiveram grande significado para mim.

Ana Júlia Simão

RESUMO

O presente trabalho surge a partir do contexto social em que o mundo passou a viver devido à pandemia da Covid-19, no qual a educação passou por diversos desafios e mudanças de forma geral, exigindo agilidade nas tomadas de decisões e reformulação das práticas pedagógicas. Em atenção de adaptação vivenciada por governos, escolas e famílias pensou-se como problema de investigação as contribuições do ensino híbrido como estratégia pedagógica para a educação do presente e do futuro. Objetivando, a partir do fenômeno pandêmico já mencionado, compreender o contexto social e histórico no qual docentes e alunos tiveram que se adaptar à realidade da tecnologia digital. Utilizando de uma pesquisa bibliográfica, observamos que alterou-se a noção de cotidiano, sendo este reinventado em múltiplos contextos da nova realidade social imposta pela pandemia, o que como consequência, abriu caminhos para a exigência de uma nova pedagogia, que se estrutura no presente e abre as portas do futuro da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino híbrido, cotidiano, pandemia, tecnologia e Educação.

ABSTRACT

The present work emerges from the social context in which the world started to live due to the Covid-19 pandemic, in which education went through several challenges and changes in general, demanding agility in decision-making and reformulation of pedagogical practices. In view of the adaptation experienced by governments, schools and families, the contributions of hybrid education as a pedagogical strategy for the education of the present and the future were thought of as a research problem. Aiming, from the aforementioned pandemic phenomenon, to understand the social and historical context in which teachers and students had to adapt to the reality of digital technology. Using a bibliographical research, we observe that the notion of everyday life has changed, being reinvented in multiple contexts of the new social reality imposed by the pandemic, which as a consequence opened paths for the demand for a new pedagogy, which is structured in the present and opens the doors to the future of education.

KEYWORDS: Hybrid teaching, everyday, pandemic, technology and Education.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. O pensamento de Michel de Certeau - o tempo e o espaço na construção do cotidiano	14
1.1 Biografia de Michel de Certeau	14
1.2 A invenção do cotidiano: fundamentos epistemológicos para a interpretação da construção da história.....	15
1.3 A escola como espaço de relação e vivência cotidiana: uma breve historiografia do cotidiano escolar.....	17
2. Características da escola no cenário de pandemia.....	19
2.1 A desigualdade na Educação no Brasil	19
2.2 A realidade dos docentes no contexto de acesso e construção do saber.....	21
2.3 Repensar as práticas educativas no contexto da pandemia e pós-pandemia	24
3. O modelo emergente a partir da pandemia: o ensino híbrido como resposta do presente e do futuro.....	26
3.1 Formação continuada dos professores.....	26
3.2 A autonomia e a inclusão digital.....	29
3.3 A BNCC e as competências para a aprendizagem e imersão no mundo digital.....	33
3.4 O ensino híbrido como uma possibilidade: a reinvenção do cotidiano escolar.....	38
Considerações Finais	42
Referências	44

Introdução

Os anos de 2020 e 2021 entraram para a história da humanidade como um período que transformou decisivamente a rotina e as formas de relação social, causadas pela pandemia do contágio do vírus Sars2- Cov, mais popularmente conhecido por Covid-19.

Desde a identificação deste vírus no final do ano de 2019 e a constatação de que grande parte dos países dos cinco continentes já possuíam casos de pessoas infectadas, gerou um grande alerta, provocando por parte das autoridades sanitárias e políticas, meios para frear a disseminação do vírus.

Podemos destacar que dentre essas medidas, as mais polêmicas diziam respeito as relações sociais e ao trabalho, visto que em muitos lugares foi decretado o “isolamento social”.

Chamamos de polêmicas, principalmente pelo fato que ao impor o “isolamento social”, que consiste em fazer com que o indivíduo mantivesse isolado do convívio com outros indivíduos ou com a sociedade, esta medida afetou as relações de consumo, provocando demissões, fechamento de muitas empresas, principalmente as pequenas e microempresas.

Proporções mais severas foram adotadas com toque de recolher e o chamado “Lockdown”, que consiste no confinamento dos indivíduos em suas casas, sendo proibidas a circulação, e sendo esta, permitida somente em casos específicos e essenciais como compras em supermercados, farmácias ou para o trabalho, quando esses serviços também eram considerados essenciais.

No Brasil, esse movimento não foi diferente, exigindo das autoridades que declarassem Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) por conta da infecção humana causada pelo novo coronavírus. Mais especificamente no Estado de São Paulo, foram adotadas pelo governo Estadual, medidas na qual estabelecia o funcionamento, apenas, de atividades essenciais de saúde, alimentação, abastecimento e segurança. Desde então, o cotidiano das pessoas sofreu drásticas mudanças.

Tentando conter o avanço da infecção e a proliferação do vírus e, além do fechamento de serviços não essenciais, as autoridades solicitaram que todos, se possível, ficassem em casa.

Seguir todas essas medidas inesperadas e de forma imediata, se tornou um grande desafio e que afetou o cotidiano das pessoas, seus afazeres, suas rotinas e suas relações, o que além da própria ideia do confinamento em suas casas, e constante preocupações com familiares com os quais não se poderia ter contato a não ser pelas redes sociais e meios de comunicação como telefone e outros, a preocupação com o trabalho acarretou numa série de eventos emocionais que também vieram a preocupar as autoridades da área de saúde, principalmente as de ordem emocional.

Mesmo passando por toda a gravidade no período de pandemia, a vida precisa continuar, a rotina precisa ser seguida o mais normal possível, as atividades precisam acontecer, as empresas precisam funcionar, os pais precisam trabalhar para conseguir o sustento da família, os alunos precisam estudar, não importa de que forma, mas todos os setores precisam dar continuidade. E então, como reagir a tudo isso, em prol do isolamento social? Sendo que, muitas famílias necessitam do convívio com outras pessoas para conquistar o sustento de seus lares, sendo eles funcionários do comércio, das indústrias e até mesmo aqueles que se declaram autônomos.

Em meio a muitos altos e baixos nesse período caótico, em que muitas fases de funcionamento e abertura de locais foram estipuladas e alteradas pelo governo, finalmente foi decretado pelo Governo de São Paulo, que os serviços não essenciais poderiam voltar a abrir, porém somente com atendimento remoto. Desde então, essa medida trouxe diversas repercussões em muitos setores, os quais estão passando por uma fase de desafios, em que estão sofrendo para se adaptar e encontrar formas de superar essa situação conturbada. A indústria, o comércio, o turismo, são alguns dos setores onde as pessoas, sejam elas empresárias ou trabalhadores, tiveram que alterar totalmente o seu cotidiano para se adaptarem a esse inesperado período. O comércio por exemplo, passou a trabalhar somente com serviços de forma delivery, já as empresas e consultórios adotaram o método home office. Ou seja, para tentar assegurar o máximo de normalidade possível desses serviços, diferentes formas de emprego

foram rapidamente inseridas no novo cotidiano, o que gerou grande impacto na interação social e na ocupação física dos espaços, principalmente para aqueles profissionais que não estavam habituados com o trabalho remoto, trazendo uma grande transformação em sua rotina.

Outro setor totalmente afetado pela pandemia, foi o setor educacional, que nos últimos meses vem encontrando mecanismos para dar continuidade ao ano letivo e cumprir com seus prazos e obrigações. Assim como nos outros setores citados anteriormente, na área de Educação não tem sido diferente, o crescimento do uso das ferramentas digitais vem aumentando cada vez mais. O uso da tecnologia digital na educação tem servido como um meio para auxiliar a rotina de estudos de vários alunos do país e, também dos professores, que lidam com esse desafio a cada dia. Porém, essas medidas aconteceram muito rapidamente, gerando uma grande insegurança tanto para os gestores, docentes, quanto para os pais e alunos, que estavam acostumados com metodologias totalmente presenciais e estão tendo que se adaptar a esse novo cotidiano, do aprendizado remoto.

A comunidade escolar foi totalmente tirada do seu eixo, sendo que os professores precisaram se reinventar com as aulas e materiais propostos. Seus cotidianos tomaram um rumo diferente, pois, além de preparar aula, também tiveram que aprender a gravar e estar disponível remotamente. Os pais e responsáveis também tiveram suas rotinas alteradas, pois precisaram mediar as relações entre professores e crianças e oferecer todo o suporte necessário para o andamento das aulas. Já os alunos, por sua vez, tiveram que se adaptar com a nova rotina de aulas gravadas e online disponibilizadas através de alguma plataforma digital. Além disso, os alunos precisaram se encaixar em um espaço físico completamente diferente do qual estavam habituados a estudarem, o espaço familiar.

Com o passar dos meses, a situação nas escolas tem se flexibilizado aos poucos, onde o ensino híbrido vem ganhando espaço e os alunos podem ter contato presencial com a sala de aula e o professor, mas sem perder contato com as atividades e plataformas digitais. Em muitas escolas o rodízio de alunos e professores tem entrado em cena, para que dessa forma as relações sociais mantenham-se ativas, as dúvidas maiores sejam sanadas no mesmo momento

etc. Porém, para que esse método ocorra, é necessário todos estarem seguindo os regulamentos Governamentais, seguindo as medidas de prevenção impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), incluindo respeitar a capacidade de alunos permitida no mesmo ambiente.

Mesmo com esse cenário de pandemia e da alteração drástica que ocorreu na Educação e no cotidiano das pessoas, foi necessário continuar a rotina escolar com a utilização das tecnologias digitais, o que demandou uma grande adaptação de todos os membros da comunidade escolar, no qual, novos vínculos foram criados pelas escolas e pessoas que tinham acesso a um modelo de aprendizagem permeado pelas tecnologias digitais. Essa situação liga-se a fala de Michel de Certeau (1988, p. 114) ao destacar que: o “papel decisivo dos procedimentos e dispositivos tecnológicos na organização de uma sociedade”.

Diante deste contexto, apresenta-se a nós a necessidade de compreender essa drástica transformação na vida das pessoas, olhando como estas tiveram que se reinventar como uma resposta ao momento de rupturas e calamidades gerada pela pandemia.

Com o objetivo de refletir sobre a urgência da implementação da resposta mais adotada pelas escolas e sistemas de ensino neste contexto pandêmico, a presente pesquisa, encontra no ensino híbrido, a forma mais presente de atender as demandas estabelecidas nos Projetos Pedagógicos e calendários escolares de forma a garantir a continuidade das atividades letivas, o que levou escolas e sistemas adotarem medidas para regulamentar o ensino mediado pelas tecnologias e ao mesmo tempo a criação de uma estrutura para atender um público mais distante da realidade tecnológica.

Como um fator dominante para o a implantação do ensino híbrido nas escolas, alunos e docentes precisaram se adaptar às tecnologias digitais existentes e desenvolver a capacidade de manipular, interagir e produzir conteúdo dentro dessas plataformas digitais e midiáticas para que as atividades interativas online atingissem os objetivos estabelecidos pela Proposta Pedagógica.

De cunho bibliográfico, a pesquisa buscará identificar o local do debate acadêmico sobre a noção de cotidiano e as emergências de sua reinvenção a

partir da pandemia, como também, a reinvenção do cotidiano escolar tendo no ensino híbrido seu maior expoente para superar a fase pandêmica.

Entende-se que dar voz aos interlocutores de pesquisas e debates sobre a temática do estudo neste momento, e que se utilizam das revistas acadêmicas, para realiza-los é uma forma de compreender os conceitos e valores que são intrínsecos a este debate que para tanto esclarecerá as diferentes formas que esse modelo de ensino pode ser aplicado em sala de aula, partindo da ideia de que o aluno seja capaz de assimilar e ser um participante ativo nas aulas, já que é cada vez mais recorrente o desinteresse dos alunos pelo método tradicional, onde existe uma infinidade de inovações tecnológicas, no qual o aluno não precisa estar toda semana na instituição de ensino apenas como um receptor de informação pelo professor, mas sim conquistar sua autonomia.

Para o alcance dos objetivos, a pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, a pesquisa se desdobra na compreensão de cotidiano de Michel de Certeau, pensador e historiador, que em suas pesquisas ressalta a construção histórica a partir do cotidiano e suas relações no tempo no espaço da vida humana. Os desafios impostos pela pandemia, exigem respostas de reinvenção do cotidiano das pessoas e das instituições na qual a escola, como um espaço de vivência e relação se institui.

Na sequência, viu-se a necessidade de refletirmos sobre a situação das pessoas neste processo de interação proposto e que depende diretamente do mapa da desigualdade existente na Educação, principalmente a brasileira, com traços de exclusão e negação do direito, e que pode ter acentuado como a pandemia. Em paralelo a isso, será relatado a realidade dos docentes e as práticas educativas abordadas no contexto de acesso e construção do saber, trazendo as mediações feitas pelos mesmos, no processo de interação com o aluno, a fim de que, se obtenha os resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, mostra-se as mudanças dessas práticas educativas no contexto pós pandemia, o que tanto mudou e como isso irá refletir nas gerações futuras.

Para fechar a pesquisa, buscar-se-á a compreensão do modelo didático pedagógico adotado por grande parte das instituições de ensino, o ensino híbrido, emergente a partir da pandemia, e que deixa traços de continuidade,

mesmo com o sucesso nas medidas de combate a pandemia, trazendo consigo a reinvenção do cotidiano escolar, fato este que nos exige um estudo sobre as abordagens que começam ser desenhadas formação continuada dos professores para o uso das tecnologias da comunicação e informação, os documentos oficiais e suas orientações no que dizem respeito ao desenvolvimento de habilidades para os modelos de relação emergente, principalmente a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), e também a autonomia e inclusão digital oferecidas por esse novo modelo de ensino.

1. O pensamento de Michel de Certeau - o tempo e o espaço na construção do cotidiano

Após o início da pandemia da Covid-19, a sociedade passou a enfrentar diversos desafios, onde muitas pessoas tiveram que alterar de forma drástica o seu cotidiano, para poder se adaptar a esse novo cenário que o mundo passou a viver. Diante disso, este primeiro capítulo tem como objetivo refletir como tem sido esse processo de transformação e adaptação, principalmente dentro do âmbito escolar, abordando a reestruturação do cotidiano emergente de um momento delicado no Brasil e no mundo.

Para referenciar esta reflexão, a presente pesquisa interliga a compreensão de cotidiano de Michel de Certeau em suas obras de “A invenção do cotidiano” com o cenário pandêmico que estamos vivendo atualmente.

1.1 Biografia de Michel de Certeau

Segundo o livro “Memória, História e Escolarização”, de NETO et al. (2011), o autor Michel de Certeau nasceu em 17 de maio de 1925 na cidade de Chambéry, na França. Ele era o primogênito entre quatro irmãos de uma família aristocrática. Em consequência da sua criação extremamente católica, Certeau, com apenas onze anos de idade, juntamente com seu irmão mais novo, foi enviado para o internato católico de Notre-Dame-de-la-Villette. Passado algum tempo, aos dezesseis anos, cursou o ensino no colégio Sainte-Marie, em La Sey-ne-sur-Mer, cidade próxima ao Mediterrâneo. Era considerado um aluno reflexivo e aplicado, sempre envolvido com a leitura e com grande aptidão religiosa. No ano de 1944, ingressou no seminário de Saint-Sulpice em Paris, dando início a sua fase atuando como sacerdócio, onde recebeu a educação de monges sulpicianos durante dois anos. Seus estudos universitários foram realizados juntamente no período em que esteve no seminário.

Michel de Certeau passou por diversas instituições de ensino superior, o Curso de Letras da Universidade de Grenoble, e outras duas, nas cidades de Paris e Lyon. Na sua passagem pela Universidade Católica de Lyon-Fourviere,

em 1947, conheceu o jesuíta Henri-Marie de Lubac, professor de História das Religiões, que lhe despertou o desejo pela prática jesuítica de unir a tradição dos exercícios de ascese espiritual com a teologia histórica e o missionarismo social atuante. Esse momento de sua vida teve grande influência para que anos mais tarde, Certeau ingressasse no noviciado da Companhia de Jesus, em 1950. Após seis longos anos de formação, foi ordenado padre, aos 31 anos de idade.

Na Companhia de Jesus, ele foi inserido na equipe de redatores da revista *Christus*, jornal criado para publicar a convicção jesuítica ao público leigo, além disso, recebeu a tarefa de se aprofundar nos estudos das obras dos primeiros inspiradores da Ordem Jesuítica. Anos mais tarde, em 1960, concluiu o seu doutorado em Ciências da Religião, que o impulsionou a publicar seu primeiro livro, *Memorial du Bienheureux Pierre Favre*. Em 1964, frequentou a Escola Freudiana de Paris, paralelamente, participou dos seminários dos historiadores Roland Mountier e Alphonse Dupont. Em vista disso, Certeau estabeleceu um meio interdisciplinar de análise que abrangia diversas áreas, sendo elas, história das religiões, teoria da história, semiótica, linguística e psicanálise.

Com a sua vasta experiência em revistas, participou de diversos congressos e conduziu palestras, na Venezuela, no Chile, na Argentina e no Brasil, e, além disso, lecionou em várias universidades do mundo. No período de 1970 a 1980, publicou uma série de trabalhos que deixaram em evidência o seu gosto pelo misticismo, pela fenomenologia e pela psicanálise. Michel de Certeau faleceu aos 60 anos de idade, devido a um câncer de pâncreas.

De todas as inúmeras importantes obras de Michael de Certeau sobre a história, a religião e o misticismo, a pesquisa se desdobra em suas compreensões diante do livro *A invenção do cotidiano* (volume 1 e 2). Em suas obras, Certeau relata como o cotidiano das pessoas podem se reinventar a cada prática.

1.2 A invenção do cotidiano: fundamentos epistemológicos para a interpretação da construção da história

Ao ler as obras de Michel de Certeau, é possível enxergar que o cotidiano é aquilo que nos é estabelecido todos os dias, é algo que nos pressiona e nos oprime dia após dia de forma que não o percebemos, é algo invisível que faz parte da nossa vivência, como o autor nos apresenta: “*O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...]*” (CERTEAU, 1996, p. 31).

Desde o início da pandemia inúmeras transformações ocorreram, e grande parte da sociedade, senão ela toda, teve seu cotidiano afetado, que passou a exigir uma reinvenção de práticas e costumes para poder se adaptar a esse período. Com isso, pode-se afirmar que o cotidiano se tornou mais visível e perceptível diariamente na vida das pessoas, pois se antes ele era apenas algo que fazia parte da vivência no dia a dia, considerado comum e banal, como se refere seu significado no dicionário, agora ele passou a ser algo de extrema importância e preocupação.

“A vida entretém e desloca, ela usa, quebra e refaz, ela cria novas configurações de seres e objetos, através das práticas cotidianas dos vivos, sempre semelhantes e diferentes.” (CERTEAU, p.207). A pandemia do novo coronavírus tem alterado o cenário social e trazido impactos de várias formas a vidas das pessoas. Esse cenário de grandes desafios, desde seu início, tem deslocado cada vez mais o cotidiano da sociedade, que vive o dia de hoje sem saber o que esperar do amanhã.

Os segmentos que trabalhavam de forma física foram diretamente afetados e tiveram que reinventar e se adaptar para atender ao público, adotando novos protocolos e formas de higiene para continuarem funcionando. Usar máscara, manter o distanciamento, usar álcool em gel, são hábitos que passaram a fazer parte do cotidiano de todos, o que para muitos tem sido um grande desafio, já que nunca viveram algo parecido.

O home office deixou de ser uma alternativa e passou a ser uma necessidade para muitas empresas, de forma que os empregados pudessem dar continuidade em seus trabalhos dentro de suas próprias casas, já que o isolamento social teve de ser adotado. Na visão de Michael de Certeau “Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato

semelhante.” Isso então seria algo positivo ou negativo para aqueles que passaram a trabalhar em casa?

1.3 A escola como espaço de relação e vivência cotidiana: uma breve historiografia do cotidiano escolar

No âmbito escolar os desafios não se deram de forma diferente, as instituições tiveram que reinventar seu cotidiano para se adaptarem as novas demandas, sendo assim, escolas e universidades paralisaram suas aulas para conter o crescimento do novo coronavírus. Isso trouxe uma nova configuração a rotina da escola: um cotidiano escolar à distância penetrado por muitos medos, incertezas e conflitos. Segundo a Revista Babel-USP, No Brasil, antes da pandemia, a educação a distância só estava autorizada para o ensino superior (de maneira completa ou até 40% dos cursos presenciais) e uma parte do ensino médio (até 30% da carga horária do período noturno e 20% do diurno). As leis do país não permitem o EAD nos ciclos do ensino fundamental e educação infantil, entretanto, devido a situação de calamidade na saúde pública e da nova rotina na educação, muitas maleabilidades foram apoiadas para que as aulas pudessem ser prosseguidas de forma remota.

O *Ministério da Educação* (MEC), por exemplo, autorizou pela portaria Nº 343, de 17 de março, que as classes presenciais fossem substituídas por meio digitais em universidades federais e nas instituições privadas de ensino superior. No estado de São Paulo, o governador João Doria determinou a suspensão total das aulas nas escolas públicas e privadas a partir do dia 23 de março. O *Conselho Estadual de Educação*, por sua vez, liberou que as atividades virtuais pudessem ser contabilizadas para o cálculo do ano letivo.

Com isso, colégios particulares se desdobraram para implementar uma estratégia online – muitas vezes aproveitando plataformas que antes tinham disponíveis como suporte ao presencial. Para eles, a adaptação repentina por causa da pandemia do coronavírus chegou a ser realizada em apenas dias. Com menos estrutura e maior dificuldade de acesso à tecnologia, a rede estadual precisou adiantar as férias escolares de julho para ganhar tempo de desenvolver um aplicativo próprio (Revista Babel, 2020, np).

Nas escolas públicas a situação pareceu um tanto diferente, pois diversas instituições não tinham recursos necessários para atender a nova demanda, como também, muitos alunos não tinham acesso à internet e a recursos tecnológicos, o que acabava dificultando o acesso às plataformas e ferramentas digitais elaboradas pelas escolas e professores.

Ainda não se têm dados oficiais e precisos a respeito de quantos alunos não possuem acesso, mas já existem algumas denotações sobre isso:

De 3,7 milhões de alunos, somente 1,5 milhão consegue acessar as aulas. Isso cria desigualdade para quem já é desigual socialmente, ainda mais em meio a uma pandemia. Professores têm sido pressionados a colocar seus telefones pessoais à disposição dos alunos. E eu tenho ouvido de muitos deles que estão dormindo e acordando com notificação dos alunos no WhatsApp." O dado é confirmado pelo subsecretário de articulação da Seduc-SP (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo), Henrique Pimentel Filho, que ressalta que o número citado pela sindicalista é referente aos acessos ao aplicativo "centro de mídias", onde ficam as videoaulas. No entanto, ele explica, as aulas são transmitidas, também, por dois canais disponibilizados pela TV Cultura. "A gente não tem como saber quantos estudantes acompanham as aulas pela TV", pontua. (UOL, 2020, np).

Isso mostra que grande parte dos alunos não estão conseguindo vivenciar esse novo cenário, de um cotidiano escolar à distância, que foi se estabelecendo e se organizando e que pôs à prova as capacidades de adaptação, compreensão e tolerância. Em viés disso, nota-se que todos os envolvidos nesse novo "cotidiano à distância" estão se reinventando, num esforço coletivo a serviço dos alunos com o objetivo de oferecer um processo de ensino que, de algum modo, diminua alguns prejuízos que infelizmente, sucederão, pois muitos docentes, pais e alunos, compartilham da opinião de que o ensino remoto não substitui o ensino presencial.

Toda essa mudança imprevista do cotidiano dos brasileiros não se deu sem dificuldades e sofrimentos psicológicos diversos, seja o choque pela restrição da liberdade, o luto pelos planos perdidos ou as novas angústias decorrentes de uma realidade desconhecida que estava começando a emergir. Em virtude disso, desta mudança imprevista no cotidiano de todos, principalmente daqueles que estão no âmbito escolar diariamente, muitas práticas precisaram ser repensadas, em viés disso, a pesquisa traz características desse ambiente no cenário pandêmico.

2. Características da escola no cenário de pandemia

As instituições escolares depararam-se com diversos desafios e barreiras, em que, tiveram de se organizar para tentar amenizar os impactos que estavam por vir. Nunca se pensou em viver algo como este acontecimento, em viés disso, muitas escolas não estavam preparadas para enfrentar essa peleja, pois muitos recursos tiveram de ser procurados e adquiridos, como também, todo o planejamento escolar teve de ser alterado e reestruturado.

Sendo assim, este segundo capítulo busca abordar como a desigualdade na educação se ampliou diante da pandemia e como tem sido a realidade dos docentes, protagonistas desse processo, frente a estes desafios.

2.1 A desigualdade na Educação no Brasil

A imprevisibilidade da pandemia demandou dos sistemas educacionais, rápidas alternativas, de modo que, as atividades escolares passaram a acontecer de forma remota. Essas rápidas adaptações, de atividades educacionais presenciais para o formato remoto, exige dos estudantes e dos professores recursos de tecnologia digital e conhecimentos específicos para manuseá-los. Mas será que todos eles possuem esses recursos e conhecimentos para seguirem a diante?

Segundo o Relatório de 2019 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2019), o Brasil ocupa a sétima posição entre os países mais desiguais do mundo. Neste cenário de pandemia não seria diferente, principalmente quando o assunto é educação. A desigualdade escolar pode ocorrer na vida da criança desde o início da escolarização, com isso, fica evidente a importância das políticas públicas de equalizar o acesso e permanência da criança na escola desde os anos iniciais.

Quando o termo se refere a desigualdade educacional, devem-se analisar diversos fatores, pois existem vários e diferentes tipos de desigualdade referidos à educação escolar, como a desigualdade causada pela exclusão dentro próprio sistema, a desigualdade de padrões de qualidade educacional, ao acesso as ofertas educacionais, a desigualdade de tratamento, e infelizmente todas essas

acabam resultando na desigualdade em conhecimentos adquiridos. Cada tipo de desigualdade causa um impacto diferente no contexto escolar, e no Brasil, um país marcado por profunda desigualdade social e econômica, esses impactos afetam quase sempre a mesma classe.

Diante de toda a crise e desigualdade social, econômica e educacional que o Brasil vive, é claro que ele não estaria preparado para enfrentar um cenário pandêmico. Sendo assim, a desigualdade que já existia, passou a se intensificar cada vez mais.

Com a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia do coronavírus, a maioria das instituições de ensino passaram a criar soluções para auxiliar no prosseguimento das atividades escolares através das tecnologias digitais, tornando o estudo remoto. Os recursos tecnológicos têm sido as principais vertentes no andamento das atividades escolares, para auxiliar a rotina de estudos de vários alunos do país. Porém, a desigualdade impera na sociedade brasileira, em todas as esferas, ainda mais em termos de acesso à internet e meios tecnológicos.

Segundo as estratégias propostas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), a aplicação das tecnologias digitais no processo de ensino, são importantes para uma Educação boa e de qualidade, pois auxiliam na elaboração de novas práticas pedagógicas e garantem pontos positivos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. No entanto, existe uma grande desigualdade entre os sistemas de ensino público e privado, pois em uma realidade estão os alunos de instituições particulares, que possuem acessibilidade à inúmeros recursos tecnológicos, redes de internet de boa qualidade, estratégias bem elaboradas, com vídeos em tempo real ou gravados, mas, em outra realidade bem distante, estão os alunos de escolas públicas, que na maioria das vezes nem acesso à internet tem.

As aulas em modo EaD parecem ser uma válvula de escape em meio a esse caos, para que os alunos das mais variadas instituições educacionais não sejam prejudicados nesse período conturbado, onde precisam ficar em casa, respeitando o isolamento social. Porém, a realidade é diferente para grande parte da população, onde muitas famílias ficam impossibilitadas de garantir a participação dos filhos

nessas aulas remotas, pois não possuem recursos tecnológicos, e se possuem, não são de boa qualidade.

Há uma outra preocupação referente à essa realidade, pois tem muitos alunos da rede pública, que dependem da escola, seja para questões educativas, pois vão para estudar, para ter o acesso a livros e materiais, como também, para questões de sobrevivência, pois para se alimentar, dependem das merendas escolares. Então, percebe-se que existem outros pontos importantes em jogo, e não somente a defasagem escolar, mas sim questões sociais, que englobam muitas famílias, as quais estão passando por extremas situações de desconforto financeiro.

Outro fator relevante nessa problemática são alguns Estados e cidades, que não conseguem atender a demanda referente às aulas remotas, pois não possuem a estrutura adequada de ferramentas tecnológicas e digitais, há uma grande precariedade nos serviços oferecidos, que fica devendo uma assistência especial para alunos de comunidades simples. Como também, nas áreas rurais, onde o acesso à internet é quase impossível, desse modo, os alunos sujeitos a essas condições ficam impossibilitados de estudar a distância e acabam sendo prejudicados, sem contar que, as chances de desmotivação em relação aos estudos podem aumentar muito, podendo resultar na evasão escolar deles.

Porém, com tantos desafios, as instituições educacionais têm se desdobrado para planejar aulas remotas, oferecer conteúdo aos alunos. Os professores têm se reinventado para atender a demanda digital, mas ainda existem muitos educadores que não tem a formação adequada para preparar conteúdo digital, pois não sabem manusear as variadas ferramentas tecnológicas disponíveis, isso mostra um grande atraso em relação ao que se espera de um professor.

2.2 A realidade dos docentes no contexto de acesso e construção do saber

A realidade em que a sociedade está vivendo, traz de volta um ponto muito importante no que diz respeito a formação docente e a construção de professores competentes, primordialmente dentro dos parâmetros de inovações tecnológicas e metodologias ativas. Os setores de ensino juntamente com os

professores, vem se ajustando para oferecer a aprendizagem de maneira inovadora e positiva, muitos estão tendo que superar suas próprias dificuldades e se reinventar nesse momento, para que auxiliem pais e filhos no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a matéria divulgada pela Revista Educação em 2018, muitos educadores sentem insegurança para exercer sua própria função, com todas as demandas pedagógicas impostas. Mas agora em outra dimensão, pois eles têm encontrado dificuldades para realizar o trabalho através das tecnologias digitais, em que não se sentem devidamente preparados. Nesse contexto, ressalta-se a importância da formação continuada de todos os professores, sejam eles da rede pública ou da rede privada de ensino.

Em tempos como esse, o aperfeiçoamento dos profissionais da educação na área tecnológica é de suma importância, pois é uma forma de garantir possibilidades nas mais diversas áreas de atuação como educador, já que a formação continuada do professor abre portas para diferentes tipos de aprendizagem, e novas formas de lecionar.

No início na pandemia em 2019, no estado de São Paulo, a Secretaria Municipal da Educação adiantou o período de férias das escolas, para que os setores de ensino pudessem replanejar as suas atividades escolares. Essa medida tomada foi uma experiência desafiadora para todos os envolvidos, sendo que todos foram pegos de surpresa, mas, foi uma válvula de escape em meio ao caos, onde o corpo docente pôde se aprimorar para oferecer o melhor de si, e se organizar para atender os pais e filhos, que estão na expectativa de serem atendidos da melhor maneira possível.

Porém, essa expectativa depositada nos professores gerou certos desconfortos e desgaste.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Península com 2.400 professores da educação básica de todo o Brasil, das redes privada e pública, desde a educação infantil até o ensino médio, incluindo diferentes modalidades como a EJA (Educação de Jovens e Adultos) mostrou que, desde o início da pandemia, esses profissionais relatam ansiedade perante as aulas remotas e sobrecarga de trabalho. “Eles tiveram que transformar toda a sua rotina, em jornadas duplas ou até triplas, se somarmos os trabalhos domésticos e a educação em casa dos próprios filhos”, explica Heloísa Morel, diretora do Instituto Península. (EL PAÍS, 2020, np).

Outro fator considerado como um desgaste na vida de milhares de professores foram os problemas técnicos que o modelo virtual provocou, pois eles gastaram mais tempo no preparo das aulas do que se fosse presencialmente, pois nesse momento o trabalho deveria ser preparado e editado nas mais variadas linguagens e programas de computador, o que resultava em muito tempo gasto.

A pesquisa do Instituto Península aponta que, na China, epicentro originário do novo coronavírus, aumentou o número de professores com síndrome de burnout [estafa, esgotamento] durante a pandemia, e que isso também pode acontecer no Brasil. A mesma pesquisa também mostra que, mesmo no cenário de maiores cobranças, 60% dos professores brasileiros ainda dedicam tempo para estudar, fazer cursos e se atualizar.

As aulas remotas nos obrigam a nos preparar muito mais. Se você erra em sala de aula, pode corrigir naquele mesmo momento, agora não. Antes eu estava usando powerpoints, mas dava muito problema, então decidi gravar as aulas e colocar em um canal no Youtube”, diz Danilo Oliveira, professor de História e Sociologia na rede pública municipal de São Paulo, que, antes da pandemia, não tinha sequer WhatsApp. (EL PAÍS, 2020, np).

Desse modo, percebe-se os efeitos que o isolamento social causou nas pessoas, as coisas tomaram um rumo descontrolado, onde as escolas seguiram um ritmo frenético no decorrer de suas atividades, sem olhar ao seu redor e sem tentar enxergar a realidade ali presente, sendo que, muitas famílias ficaram impossibilitadas de alcançar o que a escola estava solicitando.

Na rede pública de ensino, nos anos iniciais, existem pais sem condições de comprar materiais solicitados pela escola, para uso nas aulas virtuais, isso gera uma certa limitação para o professor na realização de suas atividades, por outro lado, é uma realidade que determinadas famílias vivem, onde o aluno fica impossibilitado de participar. A escola faz o papel de contatar os pais, para que busquem os materiais e atividades manuais para a realização das tarefas em casa, porém, muitas famílias não possuem meios de comunicação e se tornam incomunicáveis. Como também, existem os pais que precisam trabalhar fora, e não tem como acompanhar e auxiliar as atividades das crianças em casa.

Segundo Heloísa Morel, do Instituto Península, (Revista El País, 2020), mesmo que o educador chegue a apenas alguns alunos, é preciso continuar o

trabalho pedagógico. “Isso evita a evasão, que tende a aumentar depois de longos períodos sem aulas presenciais”, diz. Isso mostra como o trabalho dos profissionais da educação é valioso, pois se submetem a situações que precisam se reconstruir e se reinventar perante as adversidades, se aperfeiçoam e mergulham de cabeça para transmitir um ensino de qualidade, mesmo enfrentando dificuldades, eles encontram através das telas, várias formas de transmitir conhecimento aos alunos e manter uma interação social entre eles.

Desse modo, sendo a escola um espaço repleto de interações sociais, espera-se que, mesmo em uma perspectiva pós-pandemia, as relações e os espaços, sejam reconstruídos e as práticas educativas sejam reinventadas. Nesse processo de reconstrução do setor educacional, os docentes enxergaram diversas possibilidades de reformular a educação, porém, elas só engrenam se os envolvidos se permitirem conhecer o novo. Em virtude disso, compreende-se que a mudança das práticas educativas de ensino, aprendizagem e avaliação estão sendo reformuladas a partir da mudança de comportamento de quem se conecta com ela, ou seja, professores e instituições de ensino.

2.3 Repensar as práticas educativas no contexto da pandemia e pós-pandemia

Diante desse cenário, as práticas educativas atuais norteiam-se pelo modelo online e presencial. Essa nova aquisição do setor educacional trouxe diversas facilidades, como a diminuição de custo, deslocamento e trânsito, sem contar a possibilidade de reinvenção do cotidiano dos alunos e professores, que buscam dia após dia encaixar-se nesse novo padrão de vida e rotina.

Com toda essa necessidade de dar continuidade nas atividades do cotidiano escolar e reinventar as práticas educativas, as instituições de ensino aderiram o ensino híbrido, que permitem que os alunos participem das aulas online sem perder totalmente o contato com o modelo presencial, uma vez que, os alunos podem vivenciar ambos. Esse novo modelo de ensino tem contribuído muito para esse trabalho, pois tem possibilitado a interação entre professor e aluno, tem aberto novas portas para o processo de ensino e aprendizagem, onde

ambos se reinventam para fazer dar certo. A versatilidade do ensino híbrido é estrondosa, mas não deixa de ser um tanto desafiadora, mas de forma positiva, pois é um modelo que permite que o aluno se sinta habituado em sua rotina normal, onde é possível assistir as aulas nos seus respectivos horários no formato remoto, como também, em dias periódicos, podem participar de aulas presenciais em suas respectivas instituições escolares.

3. O modelo emergente a partir da pandemia: o ensino híbrido como resposta do presente e do futuro

Diante todos os desafios advindos da pandemia, o terceiro capítulo reflete o ensino híbrido como forma de ressignificar a ideia de adaptação ao novo. Ou seja, a possibilidade deste novo modelo de ensino trazer uma grande acessibilidade digital dentro do contexto escolar, foco desta pesquisa. Para isso, será refletido o papel dos protagonistas desse processo, o professor e o aluno, diante à era digital e ao cenário pandêmico.

O capítulo conclui com a ideia de que o novo modelo de ensino, o ensino híbrido, tem sido dentro do âmbito educacional, uma resposta imediata do presente, e que, após o final de todo esse período pandêmico, ele continuará ganhando seu espaço de atuação e se tornará também a resposta do futuro.

3.1 Formação continuada dos professores

Com a grande demanda do trabalho docente, a formação continuada de professores é exigida cada vez mais, ela acontece com a intenção de desenvolver saberes que estão para além daqueles já adquiridos na universidade. Geralmente, esses saberes são específicos, que ocorrem no cotidiano do professor dentro da sala de aula, quando é relacionado a teoria já adquirida inicialmente com a realidade da prática. Dessa forma, a formação continuada busca construir e fortalecer saberes aos docentes a partir da prática e da realidade escolar na qual estão inseridos. Segundo Rabelo e Lima (2021), “teoria e prática [...] precisam se complementar quando se trata de realidade escolar, pois favorecerá o sentido e o significado do saber pedagógico e provocará a (re) criar feitos no trabalho docente” (RABELO; LIMA, 2021, p. 5).

A formação continuada do professor parte da contribuição dos diversos profissionais envolvidos na área da educação, e conta principalmente com a efetivação de políticas públicas de investimento e reconhecimento que garantam que essa formação aconteça em serviço. Além disso, cabe também aos gestores

das instituições garantirem esses direitos de formação dos profissionais através de planejamentos e execução de projetos formativos.

O cenário de pandemia que temos vivenciado, fez com que os professores alterassem completamente o seu planejamento formativo. No início, as metas estavam organizadas, claras e resolvidas, e com o surgimento da pandemia, acabaram sendo alterados os processos de ensino aprendizagem e conseqüentemente, colocou em xeque todo o planejamento dos docentes. Os planos tiveram que ser alterados, foi preciso o docente ter um olhar para a realidade que passamos a viver, para a escola, pais, alunos e comunidade, e alterar o caminho das metas e objetivos que havia traçados.

O ambiente escolar sempre foi compreendido como um espaço de mudanças, portanto, após a pandemia da COVID-19 ele passou a vivenciar cotidianamente um grande desafio. Sendo assim, estamos em um momento em que é fundamental repensar sobre o processo de formação continuada dos docentes. Com toda a transformação que aconteceu de forma repentina, as tecnologias digitais passaram a dominar, pois foi através dela que os professores, alunos, pais e escolas passaram a se conectar. Com isso, muitos professores se viram desafiados a encontrarem novos caminhos para o ensino-aprendizagem dos alunos, cujo objetivo é assegurar qualidade de acesso e de ensino.

A pandemia fez surgir com grande urgência, elementos e necessidade normativas de que até então não haviam sido notificadas. Diferentes mecanismos e ferramentas foram necessários para dar continuidade nos processos e conteúdo. Uma das principais mudanças feita no percurso de formação continuada foi uso das ferramentas de tecnologias digitais, motivo que gerou grande aflição em muitos profissionais da área da educação, principalmente os docentes, pois não se sentiam e nem estavam preparados para ensinar através de tecnologias digitais, afinal, não foram preparados para esse modelo de ensino em seus cursos de licenciaturas.

Considerando essa problemática, professores de todo o país tiveram que dar importância ao replanejamento de sua prática docente, pois à medida que surgiram novos avanços na sociedade, foi necessário pensar numa formação

docente de qualidade frente a estas mudanças. Os docentes passaram a ser desafiados a encontrar novos caminhos para o ensino-aprendizagem de crianças, jovens e adultos, sendo que, o ensino remoto de emergência veio como uma mudança repentina da atividade institucional para um modo de atividade online como resultado de uma imensa catástrofe, ao contrário dos cursos online que são inicialmente planejados e projetados para serem desenvolvidos virtualmente.

Em viés disso, diversos cursos de formação de professores, aperfeiçoamento e pós-graduação pensaram em desenvolver habilidades e conhecimentos para atuação dos docentes em época de pandemia, uma vez que, esses não estavam devidamente preparados para o novo modelo de ensino. Um dos grandes desafios para a criação desses cursos híbridos tem sido conscientizar esses profissionais sobre a relevância de criar uma nova metodologia no processo de ensino aprendizagem de acordo com a transformação da sociedade, onde a metodologia de somente transmitir o conhecimento ao aluno não tem sido mais o suficiente.

A formação de docentes é fundamental para o sucesso das novas tecnologias digitais como ferramentas de suporte ao ensino e um novo modelo de suas práticas pedagógicas. Na preparação dos docentes, é necessário que seja realizado um trabalho de reflexão crítica, onde o sujeito possa repensar o processo do qual participa dentro da instituição como docente. Deste modo, cabe ao processo de formação continuada considerar toda a realidade que se encontra ao redor do professor, desde seu trabalho até as suas deficiências, necessidades e dificuldades encontradas no trabalho, para que este profissional consiga visualizar a tecnologia digital como uma ferramenta fundamental e vir, de fato, a utilizar-se dela de uma forma consistente, aumentando e valorizando os padrões de qualidade da educação e do ensino

Vale ressaltar que na busca de uma solução para essa problemática, da formação continuada do docente frente aos desafios, todo suporte que a instituição de ensino oferece ao professor faz grande diferença e é de total importância. Sendo assim, cabe a ela não só contribuir para o desenvolvimento desse processo, mas também colocá-lo em prática dentro das escolas e oferecer

o que há de novo nele, para que assim os docentes possam colocar em prática todo o conhecimento desenvolvido durante sua formação.

Este período pandêmico que está sendo vivenciado atualmente, deixou ainda mais aparente a necessidade e a importância do processo de formação continuada na carreira do docente, trazendo diversas aprendizagens em meio aos desafios e uma maior autonomia e inclusão digital por parte de todos.

3.2 A autonomia e a inclusão digital

A constituição de uma aprendizagem transformadora, contextualizada e significativa é resultado de uma autonomia adquirida nos processos de elaboração do conhecimento. O uso de tecnologias digitais na aprendizagem, relacionado à Educação a Distância e o conceito de autonomia se interligam, uma vez que, as TICs e a EaD podem “transgredir as práticas educacionais reprodutoras, favorecendo a criação da autonomia e autoria” (RICARDO; VILARINHO, 2006, p. 111).

A menção à autonomia na educação já se fazia presente na Grécia de Platão e Aristóteles, em que o “processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, preconizava a capacidade do educando de buscar respostas às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma” (MARTINS, 2002, p. 224). Assim como os gregos, os iluministas também demonstravam interesses pela autonomia, pelo encontro das próprias respostas e pelo engajamento das bases democráticas. Essa autonomia idealizada possibilitaria a livre criação, o aprender a raciocinar, a ter opinião própria ou tornar-se sujeito e construtor de si aparecem como alternativa para a realização das bases de uma efetiva autonomia na formação humana. O pensamento iluminista possibilitou o rompimento de antigas estruturas, e a conquista dos propósitos de liberdade e democracia dos indivíduos daquela era, tornando assim o cidadão iluminista senhor do seu tempo, das suas atitudes e da sua história.

No âmbito educacional atual do país, o termo autonomia ganhou grande destaque, ainda mais no setor de Educação a Distância, Ensino Híbrido e Online. Muitos profissionais da área têm adquirido essa autonomia, através de suas

incansáveis buscas por inovações virtuais no processo de aprendizagem dos alunos. Nessa conquista, deve-se destacar o pioneiro da Educação, Paulo Freire, que através de suas ideias construtivistas colaborou para que a autonomia na pedagogia, ou a “Pedagogia da Autonomia”, obra publicada pelo autor em 1996, fosse tema fundamental na discussão acerca da educação com qualidade para a formação humana, dessa forma, entende-se que para a construção da autonomia na formação educacional é necessário distinguir seus desdobramentos na formação do indivíduo, como também, assimilar os princípios sociais que promovem ações críticas e criativas na sua construção individual, que se transcorre por meio da interação social das experiências de aprendizagem colaborativa e interativa.

Os desafios que surgem no contexto de sala de aula, tanto presencial como virtual, contribuem para a construção da cidadania do aluno. Lacerda (2011, p. 3) afirma que “o principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las nos conhecimentos de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível”. A partir disso, compreende-se que uma educação que atenda às necessidades cotidianas, contribui para a formação de cidadãos com atitudes diante das demandas sociais e individuais, através de, uma sala de aula interativa e cooperativa, o que não é uma missão fácil, mas se realizada com dedicação, torna-se uma experiência de autonomia na aprendizagem. Do mesmo modo, uma educação com o suporte das tecnologias digitais são ferramentas eficazes e potencializadoras de uma formação autônoma.

Em análise sobre “Aprendizagem cooperativa e colaborativa” Reis (2010, p. 17) diz que no “processo de ensino-aprendizagem mediatizado, a EAD deve oferecer suporte e estruturar um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem”. Sendo assim, é notável a importância da discussão acerca da autonomia da Ead e do Ensino Híbrido, e como esses modelos de ensino tem oferecido mudanças relevantes nas formas de ensinar e aprender.

As novas práticas de educação, denominadas Ead, híbrida e online tem aumentado o acesso, a capacidade de manuseio e uso das tecnologias digitais, resultando um processo de Inclusão Digital, por meio de uma dinâmica mais autônoma e independente, ressignificando toda a experiência cotidiana de

docentes e alunos. Com a crise da Covid-19, após o fechamento das escolas, essas práticas passaram se intensificar ainda mais, por conta da necessidade do ensino remoto para dar continuidade na educação. Desde então, muitos desafios passaram a acontecer na área educacional, e um deles foi a inclusão digital no atual momento e as dificuldades de acesso ao ensino através de plataformas online, em todas as esferas.

De acordo com a última pesquisa TIC Kids Online, feita em 2019, o Brasil possui cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar que não usufruem de internet em suas residências. Os recursos tecnológicos se tornaram indispensáveis nesse período, e através dessa ocorrência, muitas barreiras relacionadas à inclusão digital foram desencadeadas para milhares de alunos, por conta da desigualdade econômica, social e regional que acontece no mundo todo. Assim sendo, o Relatório Era da interdependência digital: relatório do painel de alto nível sobre cooperação digital do Secretário-Geral da ONU³, aponta que:

[...] muitas pessoas ficaram de fora dos benefícios da tecnologia digital. Os dividendos digitais coexistem com as divisões digitais. Bem mais da metade da população mundial ainda não tem acesso de baixo custo à Internet ou está usando apenas uma fração do seu potencial, apesar de estar conectada. As pessoas que não têm um acesso seguro e de baixo custo às tecnologias digitais são esmagadoramente de grupos que já são marginalizados: mulheres, idosos e portadores de deficiência; grupos indígenas; e aqueles que vivem em áreas pobres, remotas ou rurais. Muitas desigualdades existentes -em riqueza, oportunidade, educação e saúde -estão sendo ampliadas ainda mais (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020, p. 35).

É possível entender claramente, que toda essa desigualdade e barreiras presentes nesse período, acarretam várias consequências no campo educacional. A falta de estímulo e motivação dos estudantes, de acordo com Pereira (2020), podem desencadear altos índices de repetência e evasão escolar, ou seja, o fracasso do processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que, desde 23 de abril de 2014, o processo de inclusão digital passou a ser reconhecido como um direito no âmbito infraconstitucional após a criação da Lei nº 12.965/2014. A inclusão das tecnologias digitais nas escolas públicas foi o principal motivo da criação da lei, que diz:

Art. 1. Esta Lei estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria (BRASIL, [2018])

Em seu Marco Civil da Internet, são citados em diversos dispositivos, regras relacionadas à necessidade de acesso à Internet e aptidão para o seu uso. Possível mencionar nesse sentido o artigo 26, que traz:

Art. 26. O cumprimento do dever constitucional do Estado na prestação da educação, em todos os níveis de ensino, inclui a capacitação, integrada a outras práticas educacionais, para o uso seguro, consciente e responsável da internet como ferramenta para o exercício da cidadania, a promoção da cultura e o desenvolvimento tecnológico (BRASIL, [2018]).

Apesar da inclusão digital nas escolas passarem a ser um direito do estudante e existirem diversas regras que são previstas pela Lei voltadas predominantemente para o cenário interno da escola, o acesso aos recursos digitais tecnológicos ainda não ocorrem de forma igualitária para a concretização de uma educação inclusiva.

Diante de toda essa realidade da Educação brasileira, a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) requer dos governantes, a providência de oferecerem a inclusão digital de todos os alunos que fazem parte das escolas da rede pública de ensino, com o intuito de chegar ao fim da desigualdade educacional e a exclusão tecnológica, e fazer com que essas políticas sejam consolidadas de forma que atenda toda a sociedade (UNESCO, 2020).

Outro aspecto, se não o mais importante que a pandemia causou grande alteração, foi o do estado emocional dos professores. Todos os desafios e mudanças presentes nesse momento, como o currículo, a adaptação, as tecnologias digitais, os planejamentos, tem feito total transformação no desenvolvimento do docente, e isso foi notório para todos, mas e o lado emocional desse profissional? Um dos pilares para que tudo ocorra bem em sala de aula com o professor, mesmo que seja de forma remota, é a sua saúde emocional. O desenvolvimento socioemocional do professor é necessário não somente pelo seu

lado humano, mas também para que esse processo aconteça de forma gradativa dentro do contexto escolar, onde em seguida, será seu papel de passar essa aprendizagem aos seus alunos. E mesmo que muitos não observem por esse lado, essa prática conseqüentemente auxilia no desenvolvimento das competências gerais descritas na Base Comum Curricular (BNCC), como o relacionamento, a comunicação, a solidariedade, flexibilidade e outras.

3.3 A BNCC e as competências para a aprendizagem e imersão no mundo digital

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento elaborado para nortear o ensino no Brasil, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Ela pode ser definida como um modelo curricular pronto, com normativas específicas, que servem como um instrumento de orientação ao professor, na qual organiza os objetivos de aprendizagem correspondentes a cada etapa escolar, considerando igualmente as particularidades (metodológicas, sociais e regionais) de cada localidade.

A BNCC é um documento normativo que já estava previsto na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no Artigo 210, e no Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. Em sua conjectura, contém disciplinas mínimas para o ensino fundamental, que asseguraram a formação básica comum e promovem o respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. O ensino religioso, por sua vez, de modo não obrigatório, contempla a disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental. Nela, está fundamentado que o ensino fundamental regular deverá ser ministrado em língua portuguesa, porém, às comunidades indígenas podem fazer uso de suas línguas maternas e obter-se de seus próprios processos de aprendizagem.

Sua elaboração foi feita de forma democrática, em cumprimento às leis educacionais vigentes no País, e teve a participação de variadas entidades, representativas dos diferentes segmentos envolvidos com a Educação Básica

nas esferas federal, estadual e municipal, das universidades, escolas, instituições do terceiro setor, professores e especialistas em educação brasileiros e estrangeiros. A sua primeira versão, foi apresentada no período entre outubro de 2015 e março de 2016, recebendo mais de 12 milhões de contribuições dos diversos setores interessados. Conseqüentemente, em maio de 2016, foi disponibilizada uma segunda versão, integrando o debate anterior junto à uma nova discussão, com a participação de 9 mil professores em seminários organizados por Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação) e Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação), em todas as unidades do país. Os resultados dessas conferências foram organizados pela UnB (Universidade de Brasília) e custearam a criação de um relatório expressando o posicionamento conjunto de Consed e Undime. Esse documento foi o principal norteador na elaboração da versão final, também examinada por especialistas e gestores do MEC com base nas diversas deliberações recebidas, ultrapassando a contagem de 44 mil contribuições.

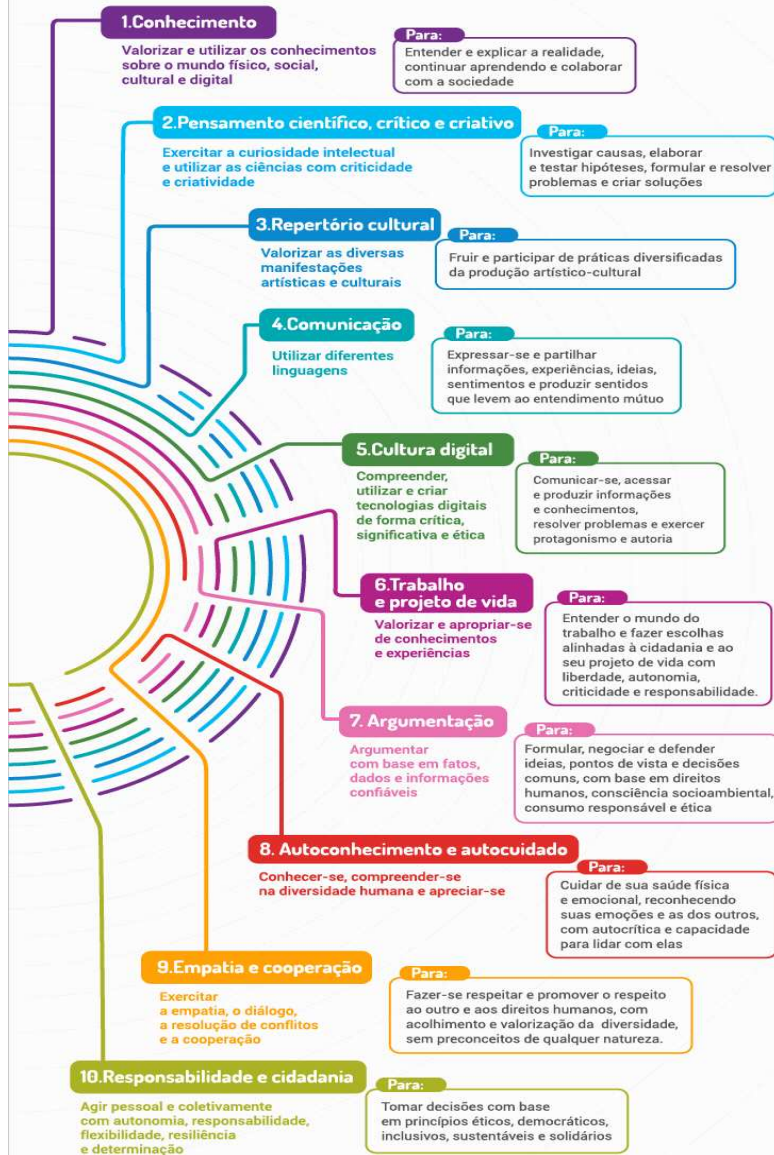
A Base é constituída a partir de critérios claros e possui o objetivo de formar alunos com conhecimentos e habilidades essenciais para o seu desenvolvimento, promovendo a qualidade da educação para todos e possibilitando que cada aluno saia da escola apto a concretizar seu projeto de vida, seja na faculdade ou no trabalho. Sua principal idealização é formar cidadãos que contribuam ativamente para o desenvolvimento da sociedade, pois a partir dela é possível identificar e colocar em prática diversas soluções para uma melhoria sistêmica da Educação. Ela determina um grau de qualidade na área educacional, trazendo consigo um alinhamento de todo o sistema educacional, seja na formação e na capacitação dos professores, na troca de experiências positivas entre docentes, na produção de materiais didáticos e na elaboração de avaliações padronizadas. Toda essa mudança passa a ser repensada, planejada e praticada a partir desse conjunto de conhecimentos e habilidades essenciais.

A estrutura da BNCC está caracterizada da seguinte forma: textos introdutórios gerais, por etapa e por área; competências gerais que os alunos devem adquirir ao longo de seu processo na Educação Básica; competências específicas de cada área do conhecimento e dos componentes curriculares;

Direitos de Aprendizagem ou Habilidades relativas a diversos objetos de conhecimento (conteúdos, conceitos e processos) que os alunos devem adquirir em cada etapa da Educação Básica, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio.

COMPETÊNCIAS GERAIS

Base Nacional Comum Curricular



crédito arte: Regiany Silva/porvir

COM O PROPÓSITO DE:

Contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária, que respeite e promova a diversidade e os direitos humanos, sem preconceitos de qualquer natureza.



Infográfico elaborado a partir de leitura crítica da BNCC realizada por Anna Penido, diretora do Inspirare e integrante do Movimento pela Base. Os textos foram retirados do documento oficial do MEC, mas alguns trechos foram abreviados ou reorganizados para garantir maior compreensão à leitura.

Infográfico atualizado à partir da versão da Base homologada em 20 de dezembro de 2017



A partir disso, espera-se das unidades escolares, o desenvolvimento de um currículo com estratégias definidas em seus próprios projetos político-pedagógicos, alinhadas à BNCC. Entre os parâmetros exigidos, estão um conjunto de dez competências a serem desenvolvidas pelos alunos. De acordo com a BNCC, as competências são conhecimentos, atitudes e valores adquiridos para resolver questões complexas da vida cotidiana envolvendo a cidadania e o mundo do trabalho. Em via disso, a natureza transversal das competências age como um norteador para o desenvolvimento de currículos interligados com os projetos político-pedagógicos de cada setor de ensino.

Segundo Philippe Perrenoud:

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis (PERRENOUD, 2001, np).

Dessa forma, o autor evidencia a necessidade dos docentes em buscar o aperfeiçoamento das competências inseridas nesse documento, dentre elas, as dez principais em sua concepção: organizar e estimular situações de aprendizagem; gerar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam; envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho; trabalhar em equipe; participar da gestão da escola; informar e envolver os pais; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e gerar sua própria formação contínua.

No que diz respeito a fase pandêmica já citada, a implementação da BNCC enfrentou e ainda enfrenta diversos desafios, tanto para professores quanto para gestores em todo país. Os estados do país seguiram com os cronogramas de implementação na medida do possível, respeitando as regras de distanciamento social, porém, muitas mudanças relacionadas às adaptações de infraestrutura foram necessárias. Nesse período, as equipes de gestão das secretarias estaduais de Educação que foram responsáveis pela implementação, foram imediatamente acionadas para trabalhar nas necessidades emergenciais advindas da pandemia da COVID-19.

Diante desse cenário, o uso de tecnologias digitais na Educação impostas na BNCC, diz que os alunos as utilizem de maneira crítica e responsável ao longo seu processo de ensino e aprendizagem. Essa ferramenta possui um papel importante na Base, pois sua compreensão e utilização são um dos pilares da cultura digital imposta pela BNCC. Em sua estrutura, há duas competências gerais que estão ligadas ao uso da tecnologia:

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência 5: Compreender, utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal coletiva (BRASIL, 2017, p.)

Além de aparecer nas competências gerais estipuladas na BNCC, o uso da tecnologia também aparece entre os Direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil e nas Competências específicas de área nos Ensinos Fundamental e Médio, bem como nos respectivos Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e habilidades.

No segmento da Educação Infantil, o foco da tecnologia é desenvolver o pensamento crítico, criativo e lógico, a curiosidade, o desenvolvimento motor e a linguagem. Já no Ensino Fundamental, com o suporte dos professores, os alunos devem utilizar a tecnologia de maneira responsável, crítica e consciente, seja em sala de aula ou em resolução de questões cotidianas. No Ensino Médio, por sua vez, o aluno já passar a ter um papel de protagonista, tanto no processo de aprendizagem quanto no uso das tecnologias. Ele deve ser tornar capaz de estudar mais o letramento, linguagem e cultura digital como um todo. Nesse processo, os professores são peças fundamentais que devem explorar o uso de metodologias que conciliem a tecnologia ao ensino, propiciando o desenvolvimento integral das competências e habilidades descritas na BNCC.

Sabe-se que o debate acerca da funcionalidade da tecnologia em sala de aula existe há um bom tempo na área da Educação, no entanto, a Base trouxe o desafio de implementar o uso de ferramentas tecnológicas. Nesse contexto

pandêmico, as metodologias ativas previstas na BNCC surgem como um fator de mudanças no paradigma do aprendizado, trazendo novos métodos ativos como a sala de aula invertida, a gamificação e o tema deste presente trabalho, o ensino híbrido, que veio para salvar o seguimento das atividades escolares de todo o país.

3.4 O ensino híbrido como uma possibilidade, a reinvenção do cotidiano

Com a pandemia, o ensino híbrido passou a ser ainda mais considerado como uma grande aposta para o processo de ensino e aprendizagem, por conta do seu método que interliga boas práticas da modalidade do ensino presencial com as boas práticas do ensino EaD, que juntas, resultam em uma grande forma de aprender e ensinar dentro de uma escola. Os criadores desse modelo de ensino dizem que ele é:

[...] um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou o ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial, na escola (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p.52).

Por conta de abordar características para ambos os modelos de ensino (presencial e EaD), na Educação, esse método pretende proporcionar flexibilidade e uma possibilidade de comunicação por meio de tecnologias digitais, facilitando o processo de aprendizagem independente do espaço físico onde ocorre. Seu objetivo é oferecer uma experiência integrada em que o aluno esteja sempre no centro do processo, pois nesse contexto, a personalização do ensino é fundamental, assim como o desenvolvimento das competências.

O ensino híbrido traz uma proposta diferente da educação tradicional, onde o professor é o único responsável e detentor do saber. Segundo Valente (2015), a responsabilidade de aprendizagem no ensino híbrido é do estudante, que deve se tornar o protagonista do processo e ter uma postura mais participativa, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos, criando oportunidades para a construção de seu próprio conhecimento. Com isso, a função do professor passa a ser mediar essa aprendizagem, sendo consultor do aluno que busca aprender.

Após o grande avanço das tecnologias digitais, dos vários meios disponíveis de comunicação e acesso à informação, podemos afirmar que a educação passou por diversas transformações, e os processos educativos, que antes seguiam em uma redoma tradicional, mesmo após ter sido eficiente durante muito tempo, passaram a se tornar obsoletos.

Atualmente, principalmente após o início da pandemia, é de fundamental importância que as escolas disponibilizem novas formas de acesso à informação para todos. Assim, tanto os docentes quanto os alunos, passam a se inserir de forma igualitária neste novo contexto de ensino, além de as possibilidades da aprendizagem se ampliarem e se tornarem significativa para ambos.

A proposta do ensino híbrido está relacionada diretamente as propostas educacionais da atualidade. Para compreendê-las de melhor maneira, possuem diversos modelos para se colocar em prática, os Modelos Sustentados são considerados as principais formas de Ensino Híbrido atualmente, sendo o Modelo de Rotação, Rotação por estações, Laboratório Rotacional e Sala de aula invertida. Os demais modelos, conhecidos como Modelos Disruptivos, são chamados de Rotação individual, Flex, À La Carte e Virtual Enriquecido. Todos esses podem ser definidos como:

Modelo de Rotação: como o próprio nome sugere, os alunos revezam as atividades realizadas de acordo com um horário fixo ou não, sob orientação do professor. As atividades podem seguir para discussões com ou sem a presença do professor. **Rotação por estações:** organizados por grupo, os alunos realizam sua tarefa podendo ser escrita e desenvolvida on-line. **Laboratório Rotacional:** começa com a sala de aula tradicional, em seguida adiciona uma rotação para os computadores e/ ou laboratórios de ensino. **Sala de aula invertida:** o conteúdo teórico é estudado antecipadamente, no formato on-line, enquanto no espaço da sala de aula ocorrem as discussões. **Rotação Individual:** cada aluno tem uma lista das propostas que deve contemplar em sua rotina para cumprir os temas a serem estudados. **Modelo Flex:** os estudantes de forma personalizada aprendem usufruindo as diferentes modalidades. **Modelo à la carte:** pode ser feito na escola física ou fora da aula. Isso difere do ensino on-line de tempo integral porque não é uma experiência de toda a escola. **Modelo Virtual Enriquecido:** é um curso ou uma disciplina em que os estudantes têm sessões de aprendizagem obrigatoriamente presencial na presença do professor responsável pela disciplina (NOVAIS, 2017, p.40-44).

Os Modelos Supracitados são caracterizados por manterem elementos da educação tradicional. Segundo Michael Horn e Heather Staker (2015, p.34-35), há três características fundamentais que particularizam esses modelos. A

primeira, é que o aluno estude, pelo menos, um pouco no ambiente virtual. A segunda, é que o aprendizado ocorra em um espaço físico diferente de seu lar. E a terceira característica, é que ambas as aprendizagens estejam interligadas, no ambiente físico e on-line. Já os Modelos Disruptivos, rompe com a educação convencional, raramente são colocados em prática.

Dessa forma, percebe-se que apesar dos modelos de ensino serem diferentes formas de se colocar a aprendizagem em prática, elas se interpenetram, criando uma identidade epistemológica a prática docente, afinal, mesmo que um modelo seja mais reconhecido e colocado em prática que o outro, não há exatamente uma fronteira entre estes ambientes.

O regulamento da proposta de ensino híbrido no Brasil começou a partir da portaria do Ministério da Educação de nº 2.253 (2001) que, em seguida foi anulada pela Portaria 4.059 (2004), sendo atualizada pela Portaria 1.134 (2016) e, há pouco tempo, pela Portaria 2.117 (2019). A portaria 1.134 (2016) é conhecida por “Portaria dos 20%”, pois propõe até 20% da carga horária dos cursos de graduação presenciais no EaD. Já a Portaria 2.117 (2019) é conhecida por “Portaria dos 40%”, pois permite até 40% da carga horária dos cursos de graduação presenciais no EaD.

De modo geral, muitos ainda não compreendem completamente esse modelo de ensino, em que, o uso de materiais online tem sido cada vez mais utilizados para contribuir com as aulas do ensino presencial. Com isso, ele tem se tornado uma boa alternativa na Educação, desde o ensino do nível básico até a pós-graduação, sendo assim, há grandes chances que seu método venha crescer cada vez mais no mundo todo, mesmo com o fim da pandemia. Vale ressaltar que é fundamental romper com as barreiras internas do método de ensino tradicional para que haja possibilidade da implantação do ensino híbrido dentro do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos abordados nesta pesquisa, são nítidos os desafios que a educação e as demais áreas vivem atualmente. Nesse cenário pandêmico e de extremas mudanças no cotidiano, toda a comunidade escolar tem passado por adaptações e desafios, tanto os professores e a equipe gestora, como os alunos e as famílias. Desde o início, os setores de ensino se esforçam para darem continuidade às atividades escolares, em busca de novos modelos de ensino apoiados nas tecnologias digitais.

De acordo com os apontamentos de Michel de Certeau, autor trabalhado nesta pesquisa, concluímos que o cotidiano é aquilo que nos é estabelecido todos os dias, é algo que nos pressiona e nos oprime dia após dia de forma que não o percebemos, é algo invisível que faz parte da nossa vivência, como o autor nos apresenta: “*O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...]*” (CERTEAU, 1996, p. 31). Em viés disso, a sociedade e todos nela envolvidos foram forçados a readaptar seus cotidianos, mudar práticas e costumes, e se reconstruir dia após dia, pois, coisas que no passado eram insignificantes, passaram a ser valiosas.

No âmbito educacional não foi diferente, onde, professores e alunos tiveram seus cotidianos afetados, uma vez que, a sala de casa virou sala de aula ou ambiente de trabalho, os horários foram totalmente reestruturados e as estratégias de aprendizagem e de trabalho reorganizadas. Houve a necessidade de enxergar o que seria feito para dar continuidade às atividades escolares, a preparação e a formação continuada dos professores, e os recursos que viabilizassem a relação entre professor e aluno, mesmo sendo através de uma tela.

Deste modo, caracteriza-se os objetivos desta pesquisa, em que, refletimos as mudanças ocorridas no cotidiano dos alunos, e na importância da implementação do ensino híbrido nas escolas, proposta que integra a Educação à tecnologia. Durante todo o processo deste trabalho, compreendemos que, o ensino híbrido oferece muitas possibilidades de integração das tecnologias digitais ao currículo escolar, que podem aumentar o interesse dos alunos,

assessorar no desenvolvimento da criatividade e intensificar o contato com diversas culturas.

Em um momento tão turbulento, no qual vive a sociedade, inserir o ensino híbrido na Educação pode estabelecer uma série de mudanças positivas, abrindo possibilidades para uma sociedade avançada no futuro. Com isso, podemos perceber a importância de políticas públicas voltadas para o engajamento do ensino híbrido e da formação continuada dos professores, contribuindo assim, para sua consolidação na esfera educacional.

Por fim, concluímos que, qualquer fase, seja ela boa ou ruim, traz a chance de aprendermos algo novo e ressignificar tudo aquilo que já vivemos, além disso, temos a absoluta certeza de que o mundo e as pessoas não serão mais os mesmos pós pandemia. Do mesmo modo, desejamos que a Educação evolua e se torne mais forte e transformadora na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. As desigualdades educacionais no Brasil: enfrentando-as a partir da escola. **Educação Integral**, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/ferna/Downloads/1212-4242-2-PB.pdf> <https://educacaointegral.org.br/reportagens/desigualdades-educacionais-no-brasil/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.). Porto Alegre: Penso, 2015, p.47-65. Acesso em: 30 mar. 2021.

BERMÚDEZ, Ana Carla. Brasil é o 7º país mais desigual do mundo, melhor apenas do que africanos. UOL, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/09/brasil-e-o-7-mais-desigual-do-mundo-melhor-apesas-do-que-africanos.htm> Acesso em: 07 set. 2021.

BRASIL. Lei nº12.965, de 10 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. COMO o uso da tecnologia é previsto pela base nacional comum curricular (BNCC). **Somos Par**, 2019. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/como-o-uso-da-tecnologia-e-previsto-pela-base-nacional-comum-curricular-bncc/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> Acesso em: 10 out. 2021.

BOMFIM. Tomas. Inclusão digital na pandemia: desafios em tempos de ensino online. **D2L**, 2021. Disponível em: <https://www.d2l.com/pt-br/blog/inclusao-digital-na-pandemia/>. Acesso em: 13 de out. de 2021.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer**. 22ª. Editora Vozes, 2014. Acesso em: 15 mar. 2021.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano Vol. 2: Morar, cozinhar**. 12ª. Editora Vozes, 2013. Acesso em: 18 mar. 2021.

FOGAÇA, Jennifer. Formação continuada de professores. **Brasil Escola**, [s.d.]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/formacao-continuada-professores.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021

FONTOURA, J. Quais os desafios dos professores para incorporar as novas tecnologias no ensino. **REVISTA EDICAÇÃO**, 09/05/2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/05/09/quais-os-desafios-dos-professores-para-incorporar-as-novas-tecnologias-no-ensino/>. Acesso em: 17 out. 2021.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Tradução de Maria Cristina Gularte Monteiro, revisão técnica de Adolfo Tanzi Neto e Lilian Bacich. Porto Alegre: Penso, 2015.

In Pátio. Revista pedagógica (Porto Alegre, Brasil), nº 17, Maio-Julho, pp. 8-12. Acesso em: 16 set. 2021.

INSFRAN, F.F.N, PRADA, P.A, FARIA, S.E.F, LADEIRA, T.A, SENTINELI, A.F. Fraturas expostas pela pandemia. **Researchgate**, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Clarisse-Almeida-2/publication/345733328_Politicass_Educacionais_do_estado_do_Rio_de_Janeiro_na_pandemia_educacao_a_distancia_ensino_online_ou_ensino_remoto/link/s/5fac0e35a6fdcc331b94d740/Politicass-Educacionais-do-estado-do-Rio-de-Janeiro-na-pandemia-educacao-a-distancia-ensino-online-ou-ensino-remoto.pdf#page=102. Acesso em: 17 out. 2021.

LACERDA, Gilberto. Ensinar e aprender no meio virtual. In: Educação e Pesquisa. São Paulo, Vol.37, nº 2, 2011. Acesso em: 09 ago. 2021.

MARTINS, A. M. Autonomia da escola: a (ex)ensão do tema nas políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2002. Acesso em: 15 out. 2021.

MELO, C. Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia. **EL PAÍS**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>. Acesso em: 14 nov. 2021.

NETO, Alfredo et al. **Memória, história e escolarização. Vol. 3**. 1º. Editora Vozes, 2011. Acesso em: 24 mar. 2021.

NOVAIS, I. de A. M. **Ensino híbrido: estado do conhecimento das produções científicas no período de 2006 a 2016**. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2017. Acesso em: 09 set. 2021.

OBSERVATORIO DA EDUCAÇÃO. BNCC: Pandemia amplia desafios para implementação. **Instituto Unibanco** [s.d.]. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/pandemia-aumenta-desafios-para-implementacao-da-bncc>. Acesso em: 05 jun. 2021.

OLIVEIRA, J. Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho. **EL PAÍS**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>. Acesso em: 17 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Era da interdependência digital: relatório do painel de alto nível sobre cooperação digital do Secretário-Geral da ONU**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br, Painel de Alto Nível sobre Cooperação Digital do Secretário-Geral da ONU. Tradução de Ana Zuleika Pinheiro Machado. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cqi.br/media/docs/publicacoes/1/20200901150023/CadernoCGIbr_A_era_da_interdependencia_digital.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

PAZ. I. As desigualdades sociais que a pandemia da covid-19 nos mostra, **BRASIL DE FATO**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/04/artigo-as-desigualdades-sociais-que-a-pandemia-da-covid-19-nos-mostra>. Acesso em: 13 jul. 2021

_____. Desafios do ensino remoto na pandemia. **Revista Babel**, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.usp.br/babel/?p=168file:///C:/Users/ferna/Downloads/8763-33258-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

PEREIRA, M. D.; BARROS, E. A. d. A educação e a escola em tempos de corona vírus. **Revista Scientia**, v. 9, n. 28, p. 1, 2020. Acesso em: 25 ago. 2021.

PERRENOUD. Philippe. Dez novas competências para uma nova profissão. **Revista pedagógica**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2001/2001_23.html. Acesso em: 08 nov. 2021.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019. Nova Iorque: PNUD, 2019. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2019/pnud-apresenta-relatorio-de-desenvolvimento-humano-2019-com-dado.html> Acesso em: 29 set. 2021.

PORTARIA Nº 4.059, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2004 (DOU de 13/12/2004, Seção 1, p. 34) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port4059-2004.pdf> Acesso em: 23 out. 2021. Acesso em: 30 out. 2021.

PORVIR. Competências Gerais que orientam a Base Nacional Comum. Disponível em: <https://porvir.org/entenda-10-competencias-gerais-orientam-base-nacional-comum-curricular/> . Acesso em: 10/04/2021.

RABELO, F. S.; LIMA, M. S. L. A relação teoria-prática pela pesquisa na formação inicial do pedagogo. *Ensino em Perspectivas*, v. 2, n. 3, p. 1–11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5608>. Acesso em: 10 out.2021.

REIS, Maria das Graças Costa, EaD: Aprendizagem cooperativa e colaborativa. Monografia de pós-graduação defendida em 2009. UFRGS, Porto Alegre.

Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, vol 1, nº 1 jun. 2010. Acesso em: 24 jul. 2021.

RICARDO, Eleonora Jorge. VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. A construção da autoria na aprendizagem online: um desafio da pós-graduação. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). Práticas Pedagógicas e Tecnologias digitais. Rio de Janeiro, E-Papeprs, 2006. Acesso em: 10 out. 2021.

CETIC.BR . Crianças e Adolescentes conectados ajudam os pais a usar a Internet. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/noticia/criancas-e-adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/> Acesso em: 20 out. 2021.

TECNOLOGIA leva aulas a casas de estudantes de todo o Brasil durante a pandemia, **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/18/tecnologia-leva-aulas-a-casas-de-estudantes-de-todo-o-brasil-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2021

UNESCO. Organização Mundial das Nações Unidas para Educação, Ciência e cultura: Estratégias de ensino a distância em resposta ao fechamento das escolas devido à COVID-19, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/ferna/Downloads/373305por.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

VALENTE, José Armando. Prefácio. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 13-17. Acesso em: 13 mar. 2021.

VESPA, Talyta. SP: só metade dos alunos acessa aula online; professores relatam sobrecarga. UOL, 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/05/29/sp-metade-dos-alunos-acessam-aulas-on-line-professores-relatam-sobrecarga.htm> Acesso em: 08 ago. 2021.